



DO ESPAÇO À PERSONAGEM

Arcângelo da Silva Ferreira¹

RESUMO: O artigo analisa representações sobre a Amazônia relacionadas ao processo de construção e reconstrução do imaginário exótico acerca da região e seu habitante. Para tanto, utiliza a literatura como fonte.

PALAVRAS-CHAVE: história; literatura; exotismo

ABSTRACT: The article analyses representations about the Amazon related Historical process of construction, reconstruction and attempts of the imaginary exotic about the region and its inhabitants, we also use literature as a source.

KEYWORDS: history, literature, exoticism.

As pessoas dotadas de finura observam melhor e com mais cuidado as coisas, mas comentam o que vêem e, a fim de valorizar sua interpretação, persuadir, não podem deixar de alterar um pouco da verdade. Nunca relatam pura e simplesmente o que viram, e para dar crédito a sua maneira de apreciar, deformam e ampliam os fatos.²

O trecho acima nos faz lembrar que foram poucos os pensadores que - no momento do contato entre cosmovisões - olharam para a Amazônia através dos óculos da alteridade destacando o conhecimento da diversidade como um caminho para a redefinição dos valores do Velho Mundo. Houve como vemos um olhar antropológicamente construído, mas, este foi rechaçado em nome dos avanços da civilização trazidos pelo Ocidente³. O vale amazônico ao que parece ainda é palco para sistemas teóricos que fundamentam a inferioridade das culturas

¹ Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Professor de História no Uninorte/Laureate.

² MONTAIGNE, Michel Eyquem de. Dos Canibais. In.: **Ensaio**. 2ª ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília; Hucitec, 1987, p. 258.

³ PINTO, Renan Freitas. A viagem das idéias. Manaus : Editora Valer/Prefeitura de Manaus, 2006. p. 17



aqui existentes. O etnólogo visitado deixa patente sua crítica no que diz respeito às intenções subjacentes do “vencedor” paradigma civilizatório.

Por muito tempo os discursos, expressos pelas mais diversas formas de representação, desenharam o habitante da região tendo como método um antagonismo explícito onde a Natureza aparece diante do homem como a arquitetura gótica surge sobre o medievo. Ela é extraordinariamente imensa, ele, um ser inexpressivo. Uma tradição balizada na narrativa iniciada no século XVI, responsável pela inserção da Amazônia no imaginário europeu. É sabido que a conquista da Amazônia, “margem da margem do mundo”, se deu, primeiro, através da conquista do imaginário dos nativos, habitantes da região⁴.

A poética e a prosa de ficção, corpus de análise deste artigo, também estão embebidas desta influência, porque tanto o poema como a prosa ora se expressam através daquilo que classificamos como valores tradicionais ora rompem com isto. É o que procuraremos aqui historicizar, portanto.

A herança alienígena

Verificamos que ocorreu uma permanência do olhar europeu marcado pela visão de superioridade do Velho sobre o Novo Mundo. Dizendo de outro modo, o *teocentrismo*, dos séculos XVI e XVII, deu vazão ao *racionalismo*, dos séculos XVIII e XIX, corroborado pelo *evolucionismo* e *darwinismo social*. No século XIX, por exemplo, tal olhar reflete a tradição literária balizada na ideologia positivista, a qual influenciou o pensamento social pelo menos da segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Quando “o sonho da utopia comtiana contaminava as mentes mais avançadas e despertava sonhos de progresso em nome de uma humanidade superior”.⁵ Ideologia que trouxe ao foco narrativo a fala da

⁴ UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens míticas: a Amazônia no imaginário dos europeu do Século XVI”. In. : DEL PRIORE, Mary e GOMES, Flávio dos Santos(org). **Os senhores dos rios**. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2003. p. 31.

⁵ KRÜGER ALEIXO, Marcos Frederico. “Grande Amazônia: Veredas”. In: RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Marcos Frederico Krüger, 5ª ed. revisada - Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001. p. 12.



segregação, pois na literatura tradicionalmente construída o espaço é privilegiado em detrimento da personagem⁶.

Nessa medida, *homem versus Natureza* torna-se a síntese que descortina, ou dissimula outro antagonismo: a civilização de um lado, a anti-história de outro. Ademais, o *progresso* e o *atraso* são dois mitos que giram em torno das conclusões sobre a Amazônia, influenciados pela literatura ocidental, num maniqueísmo acerca do regime de imagens.⁷

Quando nos reportamos, novamente, aos viajantes do século XIX aparecem comentários que, à primeira vista, denotam certo ar de sensibilidade: “há nessas pobres criaturas uma cortesia naturalmente cativante”;⁸ no entanto, é visível o preconceito. Elizabeth, nos fornecendo informações valiosas acerca da divisão social do trabalho, talvez por uma questão de gênero, olha com melhor apreço para a figura feminina. Já nos homens observa uma indolência que incomoda bastante a pesquisadora. Louis, seu marido, naturalista, deixa transparecer obsessão pelas palmeiras, pela estrutura geológica da Amazônia e principalmente pelos peixes. Aliás, não poderia ser diferente: ele era um ictiólogo. Para ele, o habitante do lugar, por um lado, é útil, pois fornece espécimes de peixes, por outro, é visto como ignorante, visto que não entende *quão valiosos* são estes espécimes para os estudos do pesquisador alienígena.

⁶ Cf. GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994. A autora mostra que a Amazônia foi *inventada* à época do Renascimento e do Mercantilismo a partir do imaginário medieval, herança cultural que convive com as inovações trazidas com o advento da Idade Moderna. A procura do paraíso terrestre ladeava os caminhos que pudessem levar ao enriquecimento no *antimundo*. Ora, aqui já percebemos o privilégio do espaço em detrimento da personagem, pois a Amazônia fora inventada, sobretudo, a partir de uma perspectiva exploratória de suas riquezas naturais, para muito além de questões que giram em torno do problema da alteridade. Pois o contexto histórico em que ela é concebida, como já foi dito, traz a marca dos mercantilismos. Mesmo os valores cristãos trazidos, e eles são os grandes balizadores deste projeto de invenção, estão seduzidos pela grandeza da Natureza e de tudo aquilo que ela pode proporcionar.

⁷ Cf. DURAND, Gilbert. **O Imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro, DIFEL, 1998.

⁸ AGASSIZ, Louis e Elizabeth. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1975. p. 214.



Vale lembrar que tais descrições estão marcadas pela égide de seu tempo histórico, ou seja, aquilo que se convencionou chamar de *darwinismo social*. Isto se confirma, por exemplo, quando aparece nos registros destes viajantes impressões sobre os índios de Maués:

Quando os índios se acharam reunidos a bordo do navio, o capitão mandou atirar o canhão para eles verem; poz o navio em movimento para lhes mostrar as máquinas em ação e as rodas em movimento. Olharam para tudo isso com o mesmo ar calmo e impassível, como homens que estão acima, talvez fosse melhor dizer abaixo, de qualquer emoção de surpresa. E, com efeito, a sensibilidade pronta em relação às impressões novas, a surpresa, o prazer, a emoção, esses dons preciosos concedidos à raça branca, não diferem tanto da impassibilidade do índio como mobilidade dos traços daquela raça difere da fisionomia de bronze que não pode nem corar nem empalidecer?⁹

Neste fragmento a alteridade é dissimulada pela bruma paradigmática da supremacia racial. Dizendo de outro modo, à cor branca a marca da civilização. Noutros trechos, Elizabeth descreve seus *passaios* e neles deixa fluir sentimentos através de uma espécie de culto à natureza: “A mata é cheia de vida e de ruídos; o zumbido dos insetos, os sons estrídulos dos gafanhotos, o grito dos papagaios, as vozes inquietas dos macacos, tudo isto faz a floresta falar”.¹⁰ Como outros viajantes, Agassiz esboça um quadro amazônico onde em suas esfumações a Floresta aparece pujante, o homem, dissimulado e, paralelo a isto, em processo de degradação, principalmente devido aos seus matizes.

Por isso, os viajantes do século XIX observam na mestiçagem um argumento para comprovar esta inaptidão: a natureza híbrida que compunha a sociedade. Naturalistas como Henry W. Bates, por exemplo, defendiam a tese da pureza étnica, pautados no conceito de “raça”, olhando, de maneira pejorativa, para o fenótipo das populações humanas existentes na Amazônia.

A contribuição dos ficcionistas

⁹ AGASSIZ, Louis e Elizabeth. op. cit. p.p. 389, 390

¹⁰ AGASSIZ, Louis e Elizabeth. op. cit. 282.



Na esteira de um tempo histórico marcado pelo ideal positivista surgem os literatos cujo olhar sobre a Amazônia, ora corroboram o pensamento comtiano, ora esboçam ares de mudança. Desse modo, Euclides da Cunha viajando pela região, no início do século XX, confirma a tese dos naturalistas, anteriormente mencionados. Aos seus olhos o homem é um intruso que insolitamente chega. É o expatriado em sua própria pátria: o nordestino, “o que trabalha para escravizar-se”.¹¹ As circunstâncias nas quais ele está inserido lhe deixa estéril, um nômade solitário diante da natureza estável, “espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o”¹², porque preso as amarras de seu destino, aliás, àquele paraíso perdido, *sem história*.

Em 1908, Alberto Rangel, influenciado por Euclides da Cunha, publica *Inferno Verde*, livro de contos. Relata a condição trágica da existência dos seringueiros nordestinos nos seringais da Amazônia. Interessa-nos, em especial o conto “Maibí”. Vejamos o trecho:

Duas são as mulheres existentes naquele seringal localizado no Alto Amazonas. Uma delas é Maibí, esposa de Sabino seringueiro que contraindo uma dívida no barracão do “tenente Marciano” (figura abastada que passa suas horas de descanso “calculando a conta de lucros e perdas provável, consumia charutos caros, passando os olhos pelos jornais”),¹³ concorda em negociar sua esposa em troca do débito. Necessita tirar saldo. Naquele lugar a vida do trabalhador gira em torno de um instante eterno de liberdade: o saldo. Isto só poderia ocorrer caso o seringueiro labutasse o ano inteiro, evitando as dívidas. Ora, o seringal era uma instituição com leis rígidas, por isso, débito significa prisão. Sabino concorda em ceder sua esposa a outro seringueiro, Sérgio, que se comprometia saldar a dívida de Sabino com Marciano. Mas, após o acordo, Sabino, arrependido, decide não cumpri-lo, e mata Maibí. Ela

¹¹CUNHA, Euclides da. **Amazônia – um paraíso perdido**. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da universidade Federal do Amazonas, 2003. p. 51.

¹²CUNHA, Euclides da. op. cit. p. 29.

¹³RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Marcos Frederico Krüger, 5ª ed. revisada - Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001. p. 127.



foi encontrada desfalecida, amarrada a uma árvore de seringueira. Uma morte tão trágica quanto a vida do nordestino nos seringais da Amazônia.

Pelo lado histórico, “Maibí” está inserido na primeira fase da economia gomífera e pode ser analisado através de discurso denunciatório. Questiona as relações de poder entre seringueiros e seringalistas, o trabalho semi-escravo do emigrado nordestino, assim como, parece denunciar o pé de barro da economia da borracha. Ou seja, o sistema de aviamento¹⁴ e a economia extrativista são postas em questão quando o narrador assevera que “o regime da indústria seringueira tem sido abominável. Institui-se o trabalho como a escravidão branca!”¹⁵. E quando descreve a ganância do seringalista, visto que na sua total ignorância, “não se opunha que as seringueiras fossem lavradas das raízes aos galhos, num decreto de extinção formal”¹⁶.

Pelo ângulo da prosa de ficção isto não passa de uma denuncia hipócrita, visto que continua corroborando a tendência que descreve a “personagem, chupada, esfancada de seções e mau passado, com raros pêlos duros nos cantos dos lábios e no queixo prógnato”¹⁷. Em suma, um ser estacado pelo medo de reagir, um anti-sujeito.

A chave para compreendermos isto está na opção que faz a personagem no momento da dor. Suas atitudes de revolta voltam-se para si e para os seus como uma espécie de autoflagelação, sentindo-se o único culpado por tudo o que lhe está acontecendo. Com efeito, a vingança desta personagem construída pela literatura de ficção do início do século XX é

¹⁴SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus**, 2ª Ed., Manaus, SUFRAMA, Gráfica Lorena, 1990. p.p. 23 e 24. O sistema de aviamento era um mecanismo econômico de dependência que inviabilizou o desenvolvimento econômico da Amazônia em larga escala, pois, fundamentado no extrativismo da borracha e preso ao ritmo do capitalismo monopolista e financeiro, impediu o acúmulo e a transformação do capital produzido pela economia gomífera. Segundo a historiadora, através dele “estabelecia-se, assim, uma cadeia de dependência entre fornecedores e clientes que ia do comerciante (comprador de borracha e vendedor de bens de consumo e de produção) ao trabalhador na selva”.

¹⁵ RANGEL, Alberto. op. cit. p. 126

¹⁶ RANGEL. op. cit. p. 131.

¹⁷ RANGEL, Alberto. op. cit. p. 125



passiva, porque o oprime. Mesmo que seja chamado: “Sabino! Eh! Sabino!...”.¹⁸ Ele se esvai na solidão e no silêncio trágico da selva. Nesse sentido:

Nas entrelinhas da narração, significa o episódio um esforço à idéia de que os nordestinos não poderão conquistar a Amazônia. Em “Maibi” torna-se evidente que tais indivíduos, que podem ser brancos na pele mas não no poder econômico, apenas sangrarão, sem qualquer aproveitamento, as inesgotáveis riquezas que a mentalidade do “celeiro do mundo” atribuía à floresta.¹⁹

De acordo com seu tempo histórico, levando-se em consideração a mentalidade e as ideologias que permeavam a produção literária do contexto histórico no qual foi produzido o livro de Alberto Rangel, sua personagem, o seringueiro Sabino, jamais poderia agir de forma diferente. Em outras palavras caso Rangel construísse um Sabino revolucionário ele estaria, sobremaneira, comprometendo o plano do enunciado de seu conto assim como a verossimilhança interna de seu enredo.

Contudo, em *A Selva*, romance naturalista lançado pela primeira vez em 1930, Ferreira de Castro utiliza o sentimento de vingança através de outra conotação, fazendo com que o narrador-protagonista, Alberto, – uma alusão ao próprio escritor que “embarcou para um seringal do rio Madeira, onde trabalhou alguns anos, fazendo de tudo, sangrando a árvore, trabalhando no barracão e finalmente na administração. Adaptando-se a todas essas doses de sacrifício...”²⁰ – perceba a vida no seringal por outro prisma. Ora, a obra de Castro tem a conotação dos *romances de tese*. Por isso as ações de suas personagens se diferenciam das personagens de Rangel. Nos romances de tese os narradores colocam em primeiro plano a

¹⁸ RANGEL, Alberto. op. Cit. p. 136.

¹⁹ KRÜGER ALEIXO. Marcos Frederico. op. cit. p. 21

²⁰ SOUZA, Márcio. op. cit. p. 138.



ideologia e constroem suas personagens de acordo com a tese²¹. Para ilustrar nosso argumento lançaremos mão de um breve resumo:

Alberto é um português recém-chegado à cidade de Manaus. Não encontrando trabalho parte para o seringal Paraíso, do coronel Juca Tristão, localizado no rio Madeira, assumindo algum tempo depois a função de guarda-livros. O coronel costuma maltratar os seringueiros, principalmente os negros. Negro Tiago, por muitas vezes humilhado, motivado pelo sentimento de vingança, decide incendiar a casa do coronel.

O incêndio da casa do coronel, descrito como o desfecho do enredo, é uma alegoria que pode ser vista como a concretização do sonho de liberdade, protelado por muito tempo no seringal. E se compararmos esta narrativa com a do conto “Maibi”, logo perceberemos que há diferenças no que concerne à temática da liberdade, visto que a personagem usa a revolta visando atingir o opressor, deixando de se sujeitar na tentativa de se tornar, mesmo que repentinamente através daquela atitude drástica, sujeito de sua história. Vemos toda a pujança da personagem nesta narrativa. Agora sim, denunciadora. Aqui o homem torna-se central.²²

Ao contrário de Sabino, que opta pelo medo e pelo silêncio, assumindo sua postura niilista, o “negro Tiago” falando do coronel Juca, afirma:

... Estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo só nas senzalas. E já não há escravatura...

(...)

- Eu é que sei o que é ser escravo! Ainda tenho aqui, nas costas, o sinal do chicote do feitor, lá no Maranhão. Branco não sabe o que é liberdade como negro velho. Eu é que sei!²³

²¹ Para a crítica literária os romances de tese, em alguns casos chegam a comprometer a arte, pois colocam a tese marcada por forte ideologia política em detrimento da linguagem literária, assim como da construção de suas personagens, muitas das vezes caracterizando-os de maneira inverossímil. Podemos ilustrar isto lembrando os conflitos que Graciliano Ramos teve com seus colegas do Partido Comunista Brasileiro. Para Graciliano, por exemplo, a personagem de Fabiano protagonista de *Vidas Secas* não poderia ser um revolucionário, pois agia de acordo com sua natureza humana. Por isso, Graciliano foi bastante criticado por seu Partido. Um dos motivos que lhe fizeram escrever suas memórias.

²²SOUZA, Márcio. op. cit. p. 140.

²³CASTRO, Ferreira de. A selva. 9ª edição. Livraria Editora Guimarães & Cia, Lisboa, 1945, p. 300.



O fragmento acima só vem confirmar nosso argumento. Lançando mão de um romance de tese Ferreira de Castro denuncia um sistema de cunho opressor.

Depois de Ferreira de Castro outros escritores, como por exemplo, Francisco Galvão se expressaram através dos romances de tese. Acompanhando a Geração de 30 Galvão, publica em 1934 o romance social *Terra de Ninguém*. Com enredo semelhante ao de Ferreira de Castro, Galvão constrói um romance de tese na linha das ideologias de seu tempo histórico. Ora, por trás da luta de seus protagonistas, principalmente Nadesca e Anatólio, está a defesa do socialismo, oriundo das transformações históricas acontecidas no Brasil e no mundo. Em outras palavras a herança da Revolução de 1917, ocorrida na Rússia, assim como de movimentos sociais que a partir dos anos 20 começavam a questionar a República Oligárquica, principalmente o Movimento Tenentista.

Como vimos, ao longo desta digressão, a tradicional representação da Amazônia e do homem amazônico a partir da crise da economia gomífera começa a cair por terra. As personagens, principalmente nos romances de cunho social aparecem com mais evidência.

A poética Madrugada

Perpassando temporalidades, nos anos de 1950 ocorreu à contribuição do Movimento do Clube da Madrugada através de uma postura questionadora face à literatura tradicional.

No Manifesto, divulgado na Revista Madrugada 1, em novembro de 1955, o Clube da Madrugada rechaça o “saudosismo da bela época, (...), uma ressaca federal, onde uma elite intelectual batia palmas para uma elite social fracassada, produto heterogêneo da exploração desenfreada do homem pelo homem”.²⁴ De fato, nas entrelinhas do Manifesto Madrugada seus sócios se comprometem em lançar um novo olhar sobre o homem amazônico. Rompendo assim, com a égide do *exotismo*, e com a imagem construída desde os primeiros

²⁴ TUFIC, Jorge. Clube da Madrugada: 30 anos. Imprensa Oficial, Manaus: 1984. p.29.



cronistas, os quais em suas narrativas esboçam um homem fragilizado e subsumido pela Natureza. Nesse sentido, o Movimento Madrugada tem como parâmetro a “verdade social de nossas populações”.²⁵

Podemos verificar esta tese através de uma breve análise acerca da produção literária do Movimento Madrugada no que tange à sua poética. Para tanto, pautando-nos em alguns poetas, os mais representativos de acordo com suas tendências literárias, pois como podemos ver o Movimento do Clube da Madrugada tem uma natureza multifacetada, visto que sua poética baliza-se sob um lirismo que pode ser visto através de quatro tendências que acabam por confirmar essa premissa.

O poema “Aparição do Clown”, de Luiz Ruas lançado em 1958, é emblemático da *tendência intimista*, pois resgata e evidencia a preocupação religiosa e filosófica em poesia quando apresenta um eu lírico constantemente a procura de si mesmo. Na perspectiva de exprimir o sentimento de totalidade, “Aparição do Clown” é um poema que procura ir além da subjetividade, do empírico, vislumbrando alcançar a espiritualidade através de seu estágio mais puro. A procura da essência da vida torna-se a procura de Deus. Aqui o discurso debate com os temas universais, se desprendendo, portanto, de toda e qualquer matiz estereotipada. O palhaço é uma alegoria que simboliza essa busca, como podemos verificar neste fragmento que encontramos em “discurso”:

onde está tua face palhaço onde?
além do além do horizonte
nas nuvens ou atrás da máscara?
onde está teu riso palhaço onde?
no pranto que improvisas
ou na dor que não gargalhas?²⁶

Desta tendência aflora uma linguagem neo-simbolista, herdeira da Geração de 45. Além da acentuada preocupação existencial²⁷, há certa apuração quanto ao verso e elevada importância

²⁵ TUFIC, Jorge. op. cit. p. 29.

²⁶ Ruas, L. **A aparição do Clown**. Organização e estudo crítico por Tenório Telles. Manaus: Editora Valer, 1998. (série resgate, 10) p. 29.



à palavra e ao ritmo. É perceptível também na poesia de Jorge Tufic. Vejamos uma das estrofes de “caminhando”, impresso no livro *Varanda de Pássaros*:

Penso enquanto caminho; as horas cruzo
 quando em meu ser suas lâminas sem gume
 furam fundo a epiderme. (Inutilmente.
 Pois quem há que suspeite a dor que tenho?)²⁸

É por outro ângulo que analisamos a poesia de Luiz Bacellar, representante da *tendência urbana*. O poeta canta a metáfora do mundo provinciano. *Sutil mecânica*²⁹ caracteriza sua poética que, viajando por diversos estilos de linguagem, procura retratar de maneira tragicômica a penúria de seu tempo. Seus poemas revelam fundamental valor histórico se observada importância dada a acontecimentos cotidianos, a lugares de memória que ainda guardam resquícios de um tempo perdido. Dá voz a becos, mangueiras seculares, prédios angustiados que imediatamente transportam uma solidão de todo aquele sonho infantil irrealizado, no instante eterno do tédio. Aqui o homem não silencia diante do espaço urbano no qual ele se insere. É o que vemos em “Noturno no Bairro dos Tocos”, um dos poemas que compõe o livro “Fruta de Barro”, publicado pela primeira vez em 1963:

Há tanta angustia antiga em cada prédio!
 Em cada pedra nua e gasta. E agora
 em necessário pranto que demora
 o amargo verso vem como remédio

pelos sonhos frustrados em que hora
 da ingaia infância. Madurando o tédio
 nos becos turvos, porque exige e pede-o
 inquieta solidão que assiste e mora

em cada tronco e raiz, calçada e muro:
Chora-Vintém, O-Pau-Não-Cessa. Impuro

²⁷ Dentre os contistas do Movimento Madrugada o existencialismo esteve presente. Mais especificamente na prosa de Benjamim Sanches. Discussão que pretendemos fazer em outro momento.

²⁸ Tufic, Jorge. **Varanda de pássaros**. Organização: Tenório Telles. 4ª edição. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua / UniNorte, p.27.

²⁹ A poética de Bacellar é comparável a de João Cabral de Melo Neto. Já que a forma, em ambos, é elemento expressivo e aliado ao conteúdo.



se derrama um palor de lua morta

nas crinas tristes, no anguloso flanco:
memória e angústia fundem-se num branco
cavalo manco numa rua torta.³⁰

A *tendência telúrica* no Movimento Madrugada é representado pelo poeta Élson Farias. Procura valorizar a natureza interiorana utilizando uma linguagem “que dá vida a sentimentos humanos à fauna e flora”.³¹ Desse modo, rechaçando, portanto, a poesia *cartão postal* que dissimula e aprisiona o homem à floresta Élson, está convicto de sua poesia quando elenca os recursos que irá utilizar para estruturar sua poética. “Barro Verde”, lançado em 1961, traduz o que afirmamos:

“Me assumi no barro
de capim e estêrco,
para o canto fresco
das manhãs da várzea
(...)
Os utensílios
neste trabalho
são barro e água,
granito e sal³²

Outrossim, o Movimento Madrugada se manifestou através de poemas engajados, no bojo da *tendência política*. Seus representantes mais diretos são os poetas Alencar e Silva e Farias de Carvalho. Ambos combatentes da Ditadura Militar. Em Farias de Carvalho o envolvimento político está mais explícito, principalmente no livro *Cartilha do bem sofrer com lições de bem amar*, lançado nos anos de chumbo. Quando comparado ao seu livro de estréia, *Pássaro de Cinza*

³⁰Bacellar, Luis. **Fruita de Barro**. Organização e estudo crítico por Tenório Telles. 6ª edição - :Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / EDUA/ UniNorte, 2005, p. 81.

³¹KRÜGER ALEIXO, Marcos Frederico. **Introdução à poesia no Amazonas: com apresentação de autores e textos**. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, UFRJ.1982. p. 105.

³²Farias, Elson. **Barro Verde**. Organização: Tenório Telles. 4ª edição. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua / UniNorte, p. 19.



publicado pela primeira vez em 1957, a crítica literária parece ser unânime, pois “seus versos perdem muito da vitalidade, da pujança, da intensidade subjetiva, presentes em *Pássaro de Cinza*”.³³

Em seu livro *Lunamarga*, Alencar e Silva constrói poemas mostrando perspicácia na utilização dos símbolos. Sutilmente consegue expor a humana necessidade de liberdade. No poema “O canto e sua hora”, sem deixar o vigor poético convida o leitor para necessária leitura do contexto que se avizinhava. Senão vejamos:

Antes que a música rua
 e se esbaroe
 como castelo de cartas
 ou arquitetura de pó
 urge salvar o instante
 estrela
 pássaro
 peixe
 ou desesperada nuvem
 num céu que vai desabar³⁴

A primeira edição de *Lunamarga* é de 1965, através do poema acima percebemos um eu lírico chamando a atenção para aquela longa noite vigiada pelo fantasma da angústia, da opressão, do sufoco, principalmente quando observamos o último verso. Neste poema, o homem aparece absurdamente voltado para uma problemática social insólita.

Assim, acompanhando as mudanças de seu contexto histórico o Movimento Madrugada, através de sua poética, contribui para romper com os velhos conceitos sobre as questões amazônicas. Essa postura também pode ser vista na sua prosa de ficção³⁵.

Considerações finais

³³ TELLES, Tenório. Poesia e compromisso com a liberdade. In. : **Pássaro de Cinza**. 3ª ed. – Manaus: Editora Valer, 2005. p. 20.

³⁴ Silva, Alencar e. **Lunamarga**. Organização: Tenório Telles. 4ª edição. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua / UniNorte, p.71

³⁵ Discussão que deixaremos para outro artigo.



Como vimos na busca da lógica social inserida nas fontes aqui analisadas, o olhar de superioridade do visitante alienígena direcionado aos habitantes da região Amazônia influenciou historicamente os literatos locais. Estes acabaram por reproduzir constatações preconceituosas. Sob a marca do Positivismo, do darwinismo social representaram um homem subsumido pelo espaço. Com isso a Natureza acabou por *engolir o homem*.³⁶ Contudo, rupturas ocorreram.

Por isso, lançando mão de nossas fontes procuramos compreender como o tempo histórico contribuiu, em cada autor e obra, para a construção das representações, grosso modo, historicizadas nesse artigo.

Constatamos, assim, que a partir do processo de retração da economia gomífera (considerando suas duas fases) a realidade passou a ser representada através de outros ângulos. Nessa medida, a literatura de ficção, e, essencialmente, a poética construída no seio do Movimento do Clube da Madrugada, contribuíram sobremaneira para a construção de outro olhar sobre a Amazônia. Em suma, nesse imaginário, o homem passa a interagir com a Natureza, num processo dialógico, vencendo, gradativamente, as amarras do *exotismo* exacerbado.

Referências

- AGASSIZ, Louis e Elizabeth. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1975.
- BACELLAR, Luiz. *Fruta de Barro*. Organização e estudo crítico por Tenório Telles. 6ª edição - Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / EDUA/ UniNorte, 2005.
- CASTRO, Ferreira de. *A selva*. 9ª edição. Livraria Editora Guimarães & Cia, Lisboa, 1945.
- CUNHA, Euclides da. *Amazônia – um paraíso perdido*. Manaus : Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da universidade Federal do Amazonas, 2003.

³⁶LEÃO, Allison. “Quando a mata engole o homem – crítica a um pensamento sobre o homem amazônico a partir de um poema de Celdo Braba”. In: Intertextos: Revista de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da UFAM. n° 3 – jan., 2001/dez., 2002. Manaus: EDUA / Editora VALER. p.p. 81-91.



- DURAND, Gilbert. *O Imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1998.
- FARIAS, Elson. *Barro Verde*. Organização: Tenório Telles. 4ª edição. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua / UniNorte.
- FERREIRA, Arcângelo. “Na vaga claridade do luar” *Movimento Madrugada (1954-1964) – história e literatura* – Manaus: ICHL/UFAM, 2006.
- GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. – São Paulo: Marco Zero, 1994.
- KRÜGER ALEIXO, Marcos Frederico. *Introdução à poesia no Amazonas: com apresentação de autores e textos*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, UFRJ.1982.
- _____. “Grande Amazônia: Veredas”. In: RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Marcos Frederico Krüger, 5ª ed. revisada - Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001.
- LEÃO, Allison. “Quando a mata engole o homem – crítica a um pensamento sobre o homem amazônico a partir de um poema de Celdo Braba”. In.: *Intertextos: Revista de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia*, da UFAM. n° 3 – jan., 2001/dez., 2002. Manaus: EDUA / Editora VALER.
- MONTAIGNE, Michel Eyquem de. “CAPÍTULO XXXI Dos Canibais” In.: *Ensaíos*. 2ª ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília; Hucitec,1987.
- RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Marcos Frederico Krüger, 5ª ed. revisada - Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*; posfácio de Avaro Lins, ilustrações de Ademir Martins – 87ª ed. – Rio, São Paulo: Record, 2002.
- RUAS, L. *Aparição do Clown*. Organização e estudo crítico por Tenório Telles. Manaus: Editora Valer, 1998.
- SANTOS, Eloína Monteiro dos. *A Rebelião de 1924 em Manaus*, 2ª Ed., Manaus, SUFRAMA, Gráfica Lorena, 1990.
- SILVA, Alencar e. *Lunamarga*. Organização: Tenório Telles. 4ª edição. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua / UniNorte.



SOUZA, Márcio. *A Expressão Amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. Ed. Alfa-Omega. São Paulo, 2002.

TELLES, Tenório. *Poesia e compromisso com a liberdade*. In. : *Pássaro de Cinza*. 3ª ed. – Manaus: Editora Valer, 2005.

TUFIC, Jorge. *Clube da Madrugada: 30 anos*. Imprensa Oficial, Manaus: 1984.

_____. *Varanda de Pássaros*. Organização: Tenório Telles. 4ª edição. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua / UniNorte

UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens míticas: a Amazônia no imaginário dos europeu do Século XVI”. In. : DEL PRIORE, Mary e GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Os senhores dos rios*. – Rio de Janeiro: Elsevier.